

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Álbuns da Modéstia: aproximação aos arquivos pessoais de uma artista

ANA CRISTINA BARRAL MARIANI PASSOS *

Três cadernos de anotações, três “álbuns da modéstia”, seis caixas contendo 1800 slides, um espaço repleto de ferramentas, matérias-primas, objetos os mais diversos, publicações especializadas, muitas lembranças e um enorme sentido de urgência em registrá-las. A convite da artista plástica joalheira Reny Golcman, o fotógrafo José Terra e eu estudamos sua produção artística e frequentamos seu ateliê entre janeiro e outubro de 2015. Foram realizadas entrevistas, pesquisas em seus arquivos pessoais e extenso registro fotográfico.

Aparentemente seria um trabalho com escopo bem delimitado, o projeto elaborado nos dois primeiros meses já trazia as linhas gerais do que depois veio a ser o sumário da publicação (o livro *As joias de Reny Golcman*), mas o mergulho levou a águas profundas. Entrevistas prévias, um primeiro garimpo no ateliê, um projeto meticulosamente desenhado e nem mesmo a familiaridade com o ofício da joalheria garantiram um percurso sem surpresas e dificuldades. A primeira descoberta foi que naquela época ela completaria 50 anos de carreira trabalhando com metais preciosos, o que ainda não havia sido notado ou celebrado. A segunda foi que o material inicialmente identificado era apenas uma pequena parcela do universo da artista disponível para o estudo. A terceira diz respeito às dificuldades inerentes ao exercício de processar informações que exigiam lidar com memórias, narrativas e identidade pessoal e artística.

Ao longo da última década, tivemos a oportunidade de estar em contato com a artista e suas joias. Nada nesse período nos preparou para a intensidade do convívio proporcionado por este projeto. Quando fomos convidados para registrar em livro seu trabalho, não fazíamos ideia do mar de joias, objetos, histórias, imagens, desenhos, álbuns de recortes, cadernos de anotações em que iríamos mergulhar. Conhecer em profundidade todo esse material e seu cotidiano modificou essencialmente nosso olhar sobre muitos aspectos do fazer-pensar artístico e nos tornou mais exigentes para fazer jus ao que estávamos testemunhando e

* Universidade Presbiteriana Mackenzie, doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura, apoio CAPES/PROSUP/MACKPESQUISA

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

aprendendo. Os laços de amizade se estreitaram nessa experiência arrebatadora para todos os envolvidos.

Um projeto deste tipo combina afetos e expectativas. O que está por trás da eleição de cada objeto colecionado, cada notícia de jornal recortada, cada foto realizada ao longo dos anos? Sem dúvida, a intencionalidade desses gestos – guardar, colecionar ou até mesmo acumular – tem uma relação direta com um desejo de perpetuação, de validação ou até mesmo de nostalgia. Camadas de significação se sobrepõem em cada momento de decisão de guardar ou descartar e em cada momento de seleção de disponibilizar ou esconder. Havia ali uma vontade a ser respeitada de eternidade e de exposição, combinada a uma necessidade de entendimento da época e das experiências de um grupo de artistas contemporâneos. Nas eleições feitas durante o trabalho, outros significados ainda se sobreporiam. Havia que se respeitar às razões e intencionalidades passadas, porém era essencial atender às necessidades do momento presente.

Ao cotejar toda a informação obtida – a partir da leitura de documentos, entrevistas com terceiros, longas conversas com a artista e muitas horas de observação –, fica claro que somos múltiplos. O olhar do outro na construção da própria identidade, da narrativa de si, é desafiador e pode se tornar assustador também. A delicadeza precisa estar aliada ao rigor para que a ficção que é a vida seja cuidadosamente inventada. É preciso respeitar os tempos internos das pessoas para conseguir captar lembranças, conquistar confiança e elaborar sua escritura. É importante entender o papel do esquecimento, e do apagamento intencional, como libertação para construir a memória. É necessário ler objetos, espaços, gestos e imagens. Acima de tudo, é fundamental entender que a narrativa nascida de um trabalho como esse cria ordem e significado, mas ela não pertence só a quem se abre para a experiência. Ela passa também a pertencer a quem está encarregado de sua elaboração. Essa narrativa, em última instância, deve atender às necessidades do presente, embora o que ela evoque resida em nossas reminiscências do passado.

No caso de Reny Golcman, foi o trauma da destruição de uma de suas primeiras peças que deflagrou a necessidade de que todas as demais fossem registradas em seus cadernos de

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

anotações, o que permitiu ordenar sua produção artística com precisão. Já os “álbuns da modéstia” possibilitaram recontar sua trajetória com detalhes e entender que ela já estava validada por seus pares e pelo público lá atrás. Eles viabilizaram ainda estender um fio



condutor para reconhecer o lugar da joalheria artística na São Paulo dos últimos 50 anos. Os objetos, matérias-primas, ferramentas e biblioteca presentes em seu espaço de trabalho, que precisam do silêncio para ser ouvidos, ajudaram a contar histórias sobre o fazer-pensar da joalheira. Entretanto, são as fotografias do acervo pessoal da artista e as realizadas ao longo do trabalho que mais revelam seu universo artístico e, provavelmente, são os veículos de maior impacto para apresentar sua vasta e intrigante produção.

Fig. 1: Os cadernos de anotações

Reny Golcman é uma das pioneiras da joalheria artística brasileira. Como mulher é precursora. Foi uma das primeiras brasileiras a fazer toda sua formação na joalheria artística aqui mesmo no país. É uma criadora que ambicionou desde o início fazer diferente de tudo que conhecia e consegue fazê-lo em cada trabalho. Há uma rebeldia intrínseca nela. Seu desejo é subverter o universo das joias, mesmo trabalhando com metais nobres e tipologias tradicionais. Ela sempre exercitou a experimentação e a capacidade de se apropriar de tudo que lhe cai nas mãos, sejam materiais, ferramentas, obras ou ideias. Há um caráter de acumulação em seu ateliê. Tudo pode se tornar um novo trabalho.

Premiada, com sessenta e cinco exposições em seu currículo, ela é formada em Pintura pela Escola Nacional de Belas Artes e elegeu a joalheria artística como sua forma de expressão, a qual se dedica ininterruptamente desde 1965. Ao longo de sua carreira, já

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4



realizou mais de 1.800 peças, com destaque para as joias de vanguarda com que participou das Bienais de Arte de São Paulo no período de 1969 a 1975, quando a joalheria teve um espaço nesse evento. Em 1971, ganhou o primeiro prêmio com as Joias Mutáveis na Bial. Em 1972, deslocou o mostrador do relógio para a lateral do pulso, criando assim a joia Krono. Em 1975, ela executou paramentos para Torá, atividade interdita às mulheres até então. De lá para cá, ela teve suas peças apreciadas e reconhecidas no Brasil e no exterior. Um colar com mandíbula de peixe participa de exposição itinerante de joalheria contemporânea desde 2011, percorrendo museus da América e da Europa.

Fig. 2: Joia mutável, Fig. 3: Joia Kronos



Fig. 4: Paramentos de Torá, Fig. 5: Colar com mandíbula

Ciente do seu lugar na joalheria, ela considera um dever incentivar novos talentos. Por isso, é generosa com informações e materiais, acreditando que, se ensinar o que aprendeu, estará fazendo parte de uma corrente de pessoas que se encanta com o universo das joias. Não esconde a emoção quando tem seu trabalho reconhecido por outros joalheiros mais jovens. Gosta de falar sobre compromisso, seriedade e, acima de tudo, sobre o amor ao ofício e à

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

bancada. Quem quiser escutá-la aprenderá sobre a necessidade de manter registros de todos os trabalhos.

A primeira joia em ouro realizada por Reny foi derretida pela cliente pouco tempo depois. Ao saber disso, ela passou a registrar dedicadamente todos os seus trabalhos. A possibilidade de outras perdas lhe era quase insuportável. A peça fundida está lá na primeira página do primeiro caderno, quase como um lembrete de que tudo pode acontecer com seu trabalho depois que ele ganha o mundo. Um gesto insensível de outra pessoa acabou se convertendo numa acertada decisão sua. Para cada joia ou objeto, anota nos cadernos um pequeno esboço da forma, sua tipologia, os metais, gemas e outros materiais utilizados – algumas vezes com peso, a data de conclusão e quem é o proprietário da peça. Todas as peças são numeradas.

No entanto, tamanha dedicação em registrar seu trabalho não se converteu na exploração dos acervos particulares da maioria de seus clientes. Foi preciso abdicar desta preciosa fonte, pois seria demasiado doloroso descobrir que alguma peça houvesse sido destruída, vendida, roubada, perdida ou dada a outra pessoa. Embora joias da artista façam parte de diversas coleções particulares, apenas familiares, clientes e amigos mais próximos foram abordados para dar acesso a seus acervos. Há que se reconhecer os aspectos emocionais subjacentes ao lidar com o trabalho de um artista e também com joias que são arte no nível mais pessoal, dispostas sobre o corpo, criando interações entre as pessoas, revelando identidades e crenças. Elas ocupam a fronteira pouco nítida entre as artes puras e aplicadas e, mais importante, elas são portadoras de afetos.

Além dos registros em seus três cadernos, ela sempre contou com a ajuda do marido, que fotografou praticamente todas as peças, primeiro em cromo e hoje com câmera digital. Foram 1800 slides e um sem número de arquivos eletrônicos realizados ao término de cada peça, num esforço de registro semelhante ao exigido por sua profissão de cirurgião plástico ou ainda por sua admiração pelo trabalho da esposa. Tudo meticulosamente arquivado. Cada slide com o número da peça marcado a lápis. Os arquivos no computador bem organizados. Ambos costumam dizer que no país não temos o hábito de nos preocupar com o futuro, de

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

6

preservar nossa memória. Eles podem ter razão, mas os registros nos cadernos e nas fotos parecem revelar algo mais. Ambos têm o desejo de criar uma narrativa de suas experiências para poder saboreá-las com mais vagar, vão construindo marcos, memórias a serem compartilhadas com seus filhos, netos, bisnetos e, agora, com todos nós.

Assim como todas as datas especiais da família são marcadas com joias feitas por ela, todos os eventos especiais de sua carreira são registrados em três álbuns de recortes. Os carinhosamente apelidados “Álbuns da Modéstia” reúnem convites de exposições, catálogos, matérias de jornais e revistas, editoriais de moda, entrevistas e fotos dos períodos 1968-74, 1975-1992 e 1993-2015. A dedicação em guardar e conservar esses materiais, somado ao fato de que Reny pertence a um grupo de verdadeiros pioneiros da joalheria artística brasileira, faz com que os álbuns sejam um importante registro de parte da história da nossa joalheria.

A publicação resultante deste trabalho reúne 395 imagens. Para chegar a este número foram feitas mais de 6.000 fotos. 309 joias aparecem no livro ao lado de imagens



reproduzidas de diversas fontes. Muitas imagens ilustravam o material presente nos álbuns de recortes. Álbuns de família também foram examinados. Dezenas de fotos de joias de fotógrafos profissionais estavam à nossa disposição, para suprir a lacuna daquelas as quais não tínhamos acesso.

O exercício curatorial em torno das joias exigiu grandes cuidados, visto que não envolvia apenas critérios técnicos e estéticos. Estávamos lidando com obras de uma artista afetivamente ligada a sua produção. Eram joias de uso pessoal daqueles que gentilmente as cederam para registro. Cada peça fala de suas circunstâncias de produção e de uso. Como tratar peças de enorme carga emocional como a série produzida com pedras que haviam

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

pertencido ao pai da artista e que, ao contrário de quase toda sua obra, receberam nome: “Aconchego Enrolador”? Elas falam de como uma peça é concebida e realizada pelas mãos da artista. Optamos por reproduzir o maior número de peças e mostrar as mais diversas faces de seu fazer-pensar artístico. Buscamos desvendar a lógica interna desse fazer-pensar e não nos deter nas paixões e no anedótico, embora reconheçamos que a subjetividade esteja presente em todas as eleições.

Fig. 6: Peça da série “Aconchego Enrolador”

A própria produção das fotos também trouxe questões importantes. Fotografar as peças em seu estado atual ou limpar ou até mesmo polir? Há toda uma discussão sobre a conservação de joias em museus e há quem diga que a pátina do tempo não pode ser retirada. Não eram objetos musealizados, tratava-se de acervos particulares e a maior parte das peças ainda estão em uso. Decidimos apenas limpar as peças sem alterações através de consertos ou polimentos, mantendo seu estado de conservação. Vale ressaltar que alguns dos melhores testemunhos da artista foram obtidos nessas sessões de limpeza, quando, na fisicalidade do contato, foram evocadas experiências passadas e revelados detalhes da criação de muitas delas. Outro aspecto importante é a possibilidade de circulação das imagens produzidas para além do contexto da publicação. Embora algumas peças tenham sido colocadas em cenários compostos por objetos presentes no ateliê, a maioria das imagens buscou simplesmente apresentar a joia da forma mais clara possível, para sua apreciação por leigos e especialistas.

O ateliê, enquanto espaço da materialidade, revela muito das dimensões materiais da memória. Nele, onde a memória organiza o passado e os projetos organizam o futuro, convivem lado a lado desenhos de peças realizadas e peças apenas esboçadas, uma acumulação de objetos recolhidos nas mais variadas situações, peças realizadas nas mais diferentes épocas, pequenas coleções de conchas, madeiras, caixinhas, colares étnicos. Um caos aparente acaba revelando uma grande ordem interior. Não existe nenhuma hierarquia em torno de valor intrínseco ou valor afetivo. Tudo é valioso, tudo faz parte de sua identidade artística. Ao contrário dos “álbuns da modéstia” que primam pela ordem cronológica, os objetos não apresentam qualquer ordenação visível, porém cada um deles guarda uma

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

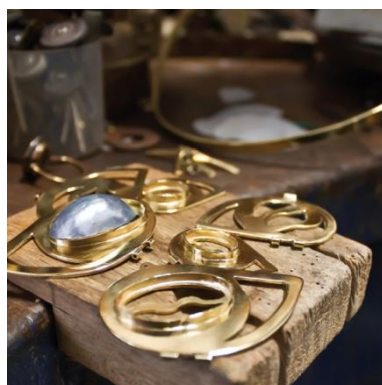
8

lembrança raras vezes nostálgica, frequentemente vivaz. Foi através deles que pudemos entender mais claramente a trajetória de vida da artista e sua carreira.

Foi, ainda, nesse espaço que pudemos compreender que seu pensamento não é linear, ele se dá de forma complexa. Às vezes, é possível sentir que engrenagens estão em movimento, quando observa formas ou rabisca em algum papel. Ou quando subitamente senta à bancada e começa a trabalhar, ignorando nossa presença. Toda hora é hora para estar criando algo novo. Assim, ao longo de dois meses, acompanhamos o nascimento da joia que ilustra a capa da publicação.

Fig. 7 e 8: Colar realizado especialmente para a capa da publicação

O percurso completa-se com entrevistas concedidas pela artista e também por amigos, colegas, clientes e familiares. Mais frequentemente do que gostaríamos, a maioria das entrevistas não foi gravada quando percebíamos que isto alteraria o envolvimento do entrevistado. Algumas filmagens com a artista foram realizadas, mas ainda não nos debruçamos sobre este material. Há um documentário sobre os pioneiros da joalheria brasileira em fase de realização e que conta com seu testemunho. A consulta a seus arquivos de recortes de jornais e revistas, convites e catálogos de exposições foi indispensável para entender a receptividade da sociedade e do mercado a seu trabalho e também verificar algumas informações em torno de pessoas e eventos.



Oscilando entre a oralidade dos testemunhos, a materialidade dos objetos e a virtualidade das imagens, tecemos fios. Com o que nos foi ofertado por estas fontes, criamos

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

paulatinamente a trama de uma narrativa, sempre tentando reconhecer a existência de múltiplas camadas de significação. Com alegria e surpresa, a artista se deu conta do longo e profícuo percurso durante as pesquisas para a realização deste livro: desde a primeira exposição individual até a conclusão da joia que ilustra a capa do livro. Este entendimento nasce da própria construção narrativa. Aos 82 anos, ela está longe de diminuir o ritmo. Ao contrário, seu foco atual continua sendo seu trabalho. Há um novo sentido de urgência trazido pelo nascimento de seus bisnetos. Ela ainda tem muito a realizar. Criar continua sendo uma necessidade vital. Está mergulhada em sua arte e em ininterrupta negociação com a vida. Se criar é dar forma a algo novo, Reny Golcman pode ser considerada uma grande criadora.

Fig 9: Pingente de produção recente da artista

O presente texto fala da escrita de si e do outro, dos exercícios curatoriais envolvidos neste tipo de projeto, do papel do colecionismo, arquivos e registros pessoais na construção da memória, da importância da fotografia para o registro das artes e, principalmente, do reconhecimento de que uma narrativa é uma construção. Coube ao projeto apresentado aqui dar ordem e sentido aos arquivos pessoais de uma artista, porém seu resultado é, acima de tudo, um exemplo de significação compartilhada, de como fazer este mergulho e voltar com



histórias para contar e imagens para revelar, sempre mais ou menos ficcionais, todo um universo para os que estão chegando agora, no ateliê e na academia.

Para terminar, uma interrogação. O desconforto de não se apoiar numa grande narrativa organizadora, questionando o presente obstinadamente é a única forma de ser contemporâneo. A arte contemporânea coloca-se neste espaço de busca onde absolutamente

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

10

todas as opções estão em aberto, onde não há qualquer restrição, e coloca-se nesse tempo *kairós*, de pura oportunidade, muito adequado para entender o processo criativo. Isto resume a potência criadora da artista. Numa daquelas contradições tão humanas, também está presente nela uma necessidade visceral de monumentalizar sua experiência, num gesto absolutamente moderno. Haveria algo mais contemporâneo do que transitar entre a modernidade e a contemporaneidade, seja lá o que isso significa? Joias são fascinantes e despertam curiosidade. Esforços inter e transdisciplinares têm sido feitos em anos recentes para entender seu papel em nossas vidas. Artísticas ou não, chamadas de contemporâneas ou não, as joias continuarão sendo uma forma de nos tornar mais atraentes e inteligíveis.

Bibliografia

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: _____. Notas de literatura I. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 15-45.

ARANTES, Priscila. **Re/Escrituras da arte contemporânea: história, arquivo e mídia**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BURKE, Peter. Da representação à construção. In: _____. **O que é a História Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 99-130.

CHARTIER, Roger. O passado composto: relações entre filosofia e história. In: _____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. p. 69-89.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Questão de detalhe, questão de trecho. In: _____. **Diante da imagem**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013. p.297-346.

DOBEDEI, Vera. Memória, circunstância e movimento. In: GONDAR, Jô; DOBEDEI, Vera (Orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 43-54.

EIDELBERG, Martin (Org.) **Messengers of Modernism: American studio jewelry 1940-1960**. Paris: Flammarion, 1996.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

11

FERREIRA, Lúcia M. A. As práticas discursivas e os (im)previsíveis caminhos da memória. In: GONDAR, Jô; DOBEDEI, Vera (Orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 105-114.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. **Ditos e escritos**. V. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense, 2008. p.145-162.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DOBEDEI, Vera (Orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.

JEUDY, Henri-Pierre. A busca das origens. O relato, o objeto e a imagem. In: _____. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense, 1990. p. 47-87.

LE GOFF, Jacques. Monumento/Documento. In: _____. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 2013. p.485-499.

LISSOVSKY, Mauricio. A memória e as condições poéticas do acontecimento. In: GONDAR, Jô; DOBEDEI, Vera (Orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 133-143.

MANGUEL, Alberto. O espectador comum: a imagem como narrativa. In: _____. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.p. 15-33.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: Silva, Zélia Lopes da. **Arquivos, patrimônio e memória: práticas e perspectivas**. SP: UNESP, 1999. p. 11-29.

MILLER, Daniel. Teoria das coisas. In: _____. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. São Paulo: Zahar, 2013. p. 66-118.

PASSOS, Ana; TERRA, José. **As joias de Reny Golcman**. São Paulo: Ana C.B.M. Passos, 2015.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

WAGNER, Renato. **Jóia contemporânea brasileira**. São Paulo: Renato Wagner, 1980.